UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Ingrid Vitória de Souza Moura

DESENVOLVIMENTO MOTOR DE BEBÊS NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA: UM OLHAR PEDAGÓGICO EM CONTEXTO NÃO ESCOLAR

JUIZ DE FORA-MG
2026

Ingrid Vitória de Souza Moura

DESENVOLVIMENTO MOTOR DE BEBÊS NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA: UM OLHAR PEDAGÓGICO EM CONTEXTO NÃO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, no âmbito da Universidade Federal de Juiz De Fora, sob a orientação da Profa. Dra. Núbia Aparecida Schaper Santos.

JUIZ DE FORA-MG
2026

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Núbia Aparecida Schaper Santos – Orientadora

Universidade Federal de Juiz De Fora

_____

Profa Ms. Mayanna Auxiliadora dos Santos

Secretaria de Educação – Juiz de Fora

Juiz de Fora/MG, julho de 2026.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser meu alicerce em todos os momentos, especialmente nos mais difíceis. À minha devoção a Nossa Senhora Aparecida, pela proteção, força e coragem durante toda a minha caminhada acadêmica.

A minha família, minha base. Em especial, à minha mãe, Ana Souza, e ao meu pai, Domingos Moura, minha profunda gratidão por todo o amor, incentivo e apoio incondicional.

A Viviane Hipólito e a Amanda Baio, por me acolherem e permitirem vivenciar experiências tão significativas para a construção desta pesquisa. A oportunidade de acompanhar a prática pedagógica em um espaço tão especial contribuiu de forma essencial para minha formação. Experiências como essa mostram como cada etapa da infância é cuidada com sensibilidade, respeito e intencionalidade pedagógica.

A minha psicóloga, Ana Luísa Melo, que esteve ao meu lado durante essa jornada, acolhendo minhas angústias e me ajudando a enfrentar os dias em que o cansaço e as dúvidas pareciam maiores do que minhas forças. Seu apoio, escuta e incentivo foram fundamentais para eu continuar seguindo em frente.

A minha orientadora, Núbia Schaper, por despertar em mim um novo olhar sobre os bebês como sujeitos ativos de suas aprendizagens. Os seus ensinamentos me inspiraram a seguir esse caminho e contribuíram significativamente para minha formação.

Agradeço também à força que descobri em mim mesma, quando parecia não restar nada além da coragem para continuar. Este momento é fruto de todas as versões de mim que escolheram seguir em frente ao longo desses cinco anos de graduação, período em que cresci não apenas academicamente, mas também como pessoa e futura profissional.

Este trabalho é resultado de esforço, resiliência, aprendizado e crescimento. A todos que fizeram parte dessa caminhada, deixo minha eterna gratidão.

“A criança só sabe viver a sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto. Mas o que vai prevalecer neste conhecimento: o ponto de vista do adulto ou o da criança?”
(Wallon, 2005, p. 27)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar como as práticas psicomotoras em contexto não escolar auxiliam o desenvolvimento integral de bebês na primeira infância. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, análise de documentos normativos e pesquisa de campo. O estudo envolveu observação participante e anotações em um diário de campo na instituição DesenvolVi, Centro de Desenvolvimento Infantil, em Juiz de Fora/MG. Os resultados mostraram que as práticas psicomotoras contribuem para o desenvolvimento integrado, por meio de experiências de movimento, exploração, interação e descoberta, sempre respeitando o ritmo e as necessidades de cada bebê. Também foi possível notar que o desenvolvimento infantil acontece de forma integrada, incluindo aspectos motores, sensoriais, cognitivos, afetivos e sociais. Esse processo é ainda mais fortalecido com o apoio dos adultos e a participação das famílias. Portanto, podemos concluir que as práticas psicomotoras favorecem o desenvolvimento integral dos bebês e destacam a importância de experiências pedagógicas planejadas, além de uma abordagem educativa em espaços não escolares voltados à primeira infância.

Palavras-Chave: Primeira infância. Bebês. Desenvolvimento motor. Psicomotricidade. Espaço não escolar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 REFERENCIAL TEÓRICO 13
3 METODOLOGIA 17
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO 18
3.2. PRODUÇÕES DE DADOS 19
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS 21
4.1 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DAS AULAS 21
4.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS BEBÊS 23
4.3 COORDENAÇÃO MOTORA FINA E EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS 26
4.4 ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS E VÍNCULO AFETIVO 28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 31
6. REFERÊNCIAS 33

1 INTRODUÇÃO

O interesse em realizar um trabalho de campo em um espaço não escolar surgiu a partir das minhas inquietações construídas ao longo da graduação em Pedagogia, especialmente em relação à formação para atuar com bebês na primeiríssima infância. Ao longo do curso, foi estudado um amplo embasamento teórico sobre as concepções de infância, o desenvolvimento infantil e os principais autores que discutem esse período da vida. No entanto, nem sempre fica claro como transformar esses conhecimentos teóricos em práticas concretas no cotidiano com bebês e crianças tão pequenas.

Na prática, é possível perceber certa insegurança das professoras ao atuar de forma significativa com os bebês, em espaços como berçário e creche, em que a atuação se restringe às rotinas de alimentação, higiene, sono, cuidado, o que influencia diretamente na qualidade da intencionalidade pedagógica em oferecer oportunidades para o bebê explorar, aprender e adquirir novas habilidades, favorecendo o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Essa visão limitada sobre o trabalho com bebês não corresponde com o que orienta o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), no qual o documento destaca que cuidar, educar e brincar devem acontecer juntos no dia a dia e que as práticas com as crianças precisam unir os cuidados básicos às brincadeiras, favorecendo o desenvolvimento integral e a construção da identidade infantil (BRASIL, 1998).

Essa ideia também é reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que orientam que as práticas pedagógicas tenham como finalidade promover o desenvolvimento integral das crianças, compreendendo o cuidado como indissociável do processo educativo e considerando a criança em sua integralidade (BRASIL, 2010).

Foi a partir dessa concepção que surgiu o interesse em realizar o trabalho de campo em um contexto não escolar, em que fosse possível observar práticas voltadas especialmente ao desenvolvimento infantil para além dos cuidados básicos e que estivesse presente o olhar pedagógico para esse trabalho. Nesse contexto, possibilitou-se perceber que o corpo e o movimento ocupam um papel central no desenvolvimento dos bebês, especialmente por meio das práticas psicomotoras e das experiências corporais vivenciadas ao longo das semanas. Essa compreensão se aproxima da abordagem de Emmi Pikler (1902-1984), conforme é ressaltado:

> Na experiência do Instituto Lóczy, Emmi Pikler nos conduz ao conceito de movimento livre como forma de potencializar o desenvolvimento da autonomia. Segundo a autora, por meio do movimento, a criança conhece seu corpo e suas capacidades, conhece seus limites e aprende a confiar em si mesma (SILVA, 2023, p.17 apud FOCHI, 2015, p.27).

Dessa maneira, Pikler valoriza o movimento livre, a autonomia do bebê e as experiências corporais como elementos fundamentais para o desenvolvimento infantil. Nessa perspectiva, o bebê é visto como um sujeito competente, capaz de construir suas conquistas motoras por meio da exploração do próprio corpo, das interações e da relação com o ambiente. Além disso, essas vivências favorecem diferentes dimensões do desenvolvimento infantil, como os aspectos motores, sensoriais, cognitivos, sociais e socioemocionais, evidenciando a importância de um olhar pedagógico atento às experiências corporais desde os primeiros anos de vida.

Sob essa ótica, quando essas experiências são proporcionadas desde os primeiros anos de vida, cada vivência contribui para a construção de aprendizagens e para o fortalecimento das conexões neurais, considerando a intensa plasticidade cerebral presente na primeira infância. Conforme mencionam Bohnenberger et al. (2025, p. 17), ao afirmarem que “nesse período, a plasticidade cerebral é mais intensa, permitindo que o cérebro se molde com base nas experiências vivenciadas”. Assim, o movimento, a exploração do ambiente e as experiências corporais se tornam fundamentais para o desenvolvimento integral do bebê, favorecendo não apenas os aspectos motores, mas também a interação, a percepção e a construção de conhecimentos a partir das vivências cotidianas.

Dessa maneira, a escolha deste tema se justifica pela importância de compreender como as práticas psicomotoras contribuem para o desenvolvimento integral de bebês na primeiríssima infância, especialmente em contextos não escolares. Compreender, como o desenvolvimento infantil é construído no cotidiano, por meio de experiências reais, das interações e de um ambiente seguro e acolhedor, no qual o bebê pode explorar o corpo, o social e o mundo ao seu redor.

Desse modo, a pesquisa mostra-se relevante tanto para a formação acadêmica, ao possibilitar a articulação entre teoria e prática, quanto também para os profissionais que atuam com bebês, especialmente em espaços não escolares, onde a atuação pedagógica ainda é pouco reconhecida. Além disso, o estudo contribui para a valorização do olhar pedagógico como elemento essencial na mediação das experiências e no acompanhamento do desenvolvimento infantil. O foco principal da pesquisa é justamente esse: Como as práticas psicomotoras, desenvolvidas em um espaço não escolar, contribuem para o desenvolvimento integral de bebês na primeiríssima infância?

Diante disso, o referido trabalho tem como objetivo geral: *analisar como as práticas psicomotoras desenvolvidas em um espaço não escolar contribuem para o desenvolvimento*

integral de bebês na primeiríssima infância. Com os objetivos específicos: (i) *identificar as práticas psicomotoras realizadas no espaço não escolar por meio da observação participante;* (ii) *analisar de que forma as interações e experiências corporais favorecem o desenvolvimento integral dos bebês;* (iii) c*ompreender a importância da intencionalidade pedagógica e da mediação nas práticas psicomotoras desde os primeiros meses de vida;* (iv) *refletir sobre o olhar pedagógico voltado ao desenvolvimento integral de bebês em contextos não escolares.*

Portanto, para fundamentar as discussões propostas neste trabalho foram consultados documentos normativos e produções acadêmicas que abordam a primeira infância, aos bebês como sujeitos ativos e a sua complexidade, ao desenvolvimento infantil, relações sociais, bem como aspectos relacionados ao desenvolvimento motor e as experiências vivenciadas na primeira infância.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. Será inicialmente apresentado o referencial teórico, abordando estudos sobre conceitos relacionados a primeira infância, aos bebês e ao desenvolvimento infantil. Em seguida, é descrita a metodologia adotada no trabalho, a partir da observação participante e de notas de campo registradas no do diário de bordo. Logo após, são apresentados e analisados os dados produzidos, articulado às reflexões teóricas construídas ao longo do trabalho, que fundamentam o estudo. Por fim, são apresentadas as considerações finais, seguida das referências utilizadas na construção da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para abordar os aspectos aos quais este estudo se propõe, faz-se necessário discutir conceitos relacionados à primeira infância, aos bebês e ao desenvolvimento infantil. A compreensão desses aspectos é fundamental para analisar o desenvolvimento motor dos bebês e as contribuições das práticas psicomotoras em contextos não escolares. Sendo assim, a discussão fundamenta-se em contribuições teóricas e em documentos normativos que orientam a compreensão da infância e dos direitos das crianças, buscando também destacar a importância de obter a visibilidade dos bebês nas pesquisas e nas discussões educacionais.

A primeira infância corresponde ao período que vai do nascimento aos seis anos de idade, conforme estabelece o Marco Legal da Primeira Infância (BRASIL, 2016), sendo reconhecida como uma fase fundamental para o desenvolvimento humano. As experiências vivenciadas nesse período influenciam significativamente diferentes aspectos da vida, como a saúde, a aprendizagem, o comportamento e as relações sociais. Por essa razão, é considerada uma etapa de grande importância que demanda atenção para o desenvolvimento integral da criança.

Durante a primeira infância, as crianças passam por diversas transformações e conquistas, em que é nos primeiros anos de vida que desenvolvem as habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais que servirão de base para aprendizagens futuras. Nesse processo, exploram o ambiente, ampliam suas formas de comunicação, constroem vínculos afetivos e desenvolvem gradativamente sua autonomia por meio das experiências vivenciadas no cotidiano.

Além disso, essa fase caracteriza-se pelo intenso desenvolvimento cerebral. Segundo o Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI, 2024), refere-se que durante a primeira infância que ocorre a formação acelerada de conexões neurais, sendo estabelecida a maior parte dessas conexões até os seis anos de idade. Dessa forma, o cuidado, o afeto, os estímulos e as oportunidades de interação desempenham um papel importante na construção das capacidades infantis e no desenvolvimento de suas potencialidades.

A Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) afirma que a criança é “sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas” (BRASIL, 2010, p. 12). Diante disso, essa concepção reconhece a criança como participante ativa de seu processo de desenvolvimento, capaz de interagir com o meio, construir conhecimentos e produzir cultura desde os primeiros anos de vida.

Porém, durante muito tempo, os bebês foram compreendidos como sujeitos passivos, incapazes e limitados aos cuidados básicos. Entretanto, pesquisas contemporâneas têm questionado essa visão. Castelli e Mota (2013) problematizam a visão adultocêntrica e defendem que os bebês são sujeitos sociais ativos e produtores de cultura, capazes de interagir, comunicar e atribuir significados às experiências vividas desde os primeiros meses de vida.

Essa compreensão dialoga com Barbosa (2010), que também defende o reconhecimento dos bebês como sujeitos históricos, de direitos e protagonistas de seu desenvolvimento. Para a autora, as aprendizagens acontecem a partir de experiências baseadas nas brincadeiras, interações e explorações do ambiente, favorecendo a construção de aprendizagens significativas com seus pares, adultos e com o meio em que está inserida. Nesse processo, as crianças constroem vínculos, desenvolvem sua identidade e ampliam suas possibilidades de aprendizagem mediante das experiências vividas no cotidiano.

Por esse motivo, é necessário reconhecer as características próprias dessa faixa etária e desenvolver práticas que valorizem as interações, o movimento, as brincadeiras e as diferentes formas de expressão dos bebês, favorecendo seu desenvolvimento integral. Sendo essencial compreendermos que é por meio dessas relações que aprendem a se comunicar, expressar sentimentos, criar vínculos e participar da vida em grupo são elementos fundamentais para o desenvolvimento infantil. (Barbosa, 2010)

Castelli e Mota (2013) ainda destacam que o desenvolvimento dos bebês acontece de maneira integrada, envolvendo aspectos corporais, afetivos, cognitivos e sociais. Essa perspectiva dialoga diretamente com Kuhn e Martins (2024) ao afirmar que ao

> Estimular o bebê desde o seu nascimento é fundamental para o seu desenvolvimento psicomotor, intelectual, afetivo e social. É na primeira infância que o bebê desenvolve o conhecimento sobre si, sobre o mundo, sobre a natureza, a partir das relações que estabelece com o outro e com o meio social. (Kuhn; Martins, 2024, p. 3).

Dessa forma, o desenvolvimento infantil não acontece de forma isolada, mas por meio das experiências, relações e interações vivenciadas desde os primeiros meses de vida. Nessa perspectiva, a estimulação constitui um elemento central para o desenvolvimento integral e saudável da criança, reforçando a importância de práticas pedagógicas que valorizem as experiências, as interações e as brincadeiras como elementos essenciais para o desenvolvimento infantil (KUHN; MARTINS, 2024).

Essa compreensão contribui para repensar as práticas voltadas à primeira infância, reconhecendo que o trabalho com bebês deve ir além dos cuidados básicos e proporcionar experiências significativas que favoreçam as interações, a autonomia, a exploração corporal e o desenvolvimento integral.

Barbosa (2010) já pontuava a indissociabilidade entre cuidar e educar, como destaca: “a tarefa dessa pedagogia da pequeníssima infância é articular dois campos teóricos: o do cuidado e o da educação, procurando que cada ato pedagógico, cada palavra proferida tenha significado” (BARBOSA, 2010, p. 6). Assim, momentos como alimentação, higiene, repouso e brincadeiras não devem ser compreendidos apenas como ações de cuidado, mas também como experiências educativas fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Além disso, Kuhn e Martins (2024) destacam a importância dos espaços educativos para ampliar as experiências infantis. Para eles, os ambientes voltados aos bebês devem permitir que o espaço seja explorado e oferecer oportunidades para viver experiências variadas. Segundo os autores “propiciar vivências de toque, de cheiros, de observação, de rolar, engatinhar, explorar, interagir e se relacionar com outras crianças é fundamental” (KUHN; MARTINS, 2024, p. 14).

Essa visão também se aproxima das reflexões de Barbosa (2010), ao destacar que os ambientes para bebês precisam ser organizados para garantir segurança e, ao mesmo tempo, apresentar desafios que despertem a exploração, a curiosidade e a autonomia. Assim, as crianças podem fazer escolhas e participar ativamente das próprias experiências.

Nesse contexto, as experiências corporais proporcionadas pelos ambientes e pelas interações vivenciadas pelos bebês também se relacionam diretamente com a psicomotricidade. Isso acontece porque quando a psicomotricidade é trabalhada de forma intencional, ela contribui para o desenvolvimento da criança como um todo. Nesse sentido, Moi e Mattos (2019, p. 4) destacam que a psicomotricidade é “estruturada por três pilares: o querer fazer (emocional) – sistema límbico, o poder fazer (motor) – sistema reticular e o saber fazer (cognitivo) – córtex cerebral”. Com essa visão, fica mais claro que o desenvolvimento psicomotor ocorre quando a emoção, a ação motora e os processos cognitivos atuam juntos. Por isso, entendemos a importância de práticas pedagógicas que considerem a criança em sua totalidade.

Santos et al. (2023) também apontam que a psicomotricidade é muito importante para apoiar o desenvolvimento motor das crianças. Essa contribuição acontece porque ela ajuda a conectar corpo e mente e torna o aprendizado mais significativo por meio de atividades lúdicas e significativas. Na mesma linha, Costa e Aoyama (2023) afirmam que as atividades psicomotoras contribuem para desenvolver habilidades motoras básicas, como coordenação,

equilíbrio e percepção espacial. Além disso, elas também fortalecem aspectos emocionais, sociais, cognitivos e afetivos

Dessa forma, entendemos que a psicomotricidade vai além de apenas movimentos corporais, sendo essencial para o desenvolvimento integral da criança. Ao integrar corpo, pensamento e emoção, cria um ambiente favorável para aprender de forma significativa e desenvolver a sua autonomia.

Costa e Aoyama (2023) também destacam a importância da psicomotricidade na Educação Infantil. Segundo os autores, “a infância apresenta-se como fase crucial para o desenvolvimento de um repertório motor que favorecerá o aprimoramento de outras habilidades no decorrer da vida adulta” (FIN; BARRETO, 2010, p. 5, apud COSTA; AOYAMA, 2023, p. 26). Isso mostra que as experiências corporais e motoras vividas pelas crianças são fundamentais para o seu desenvolvimento como um todo.

As contribuições desses autores evidenciam que o desenvolvimento dos bebês está diretamente ligado à qualidade das experiências oferecidas em seus diferentes contextos de convivência, na qual eles possam observar, experimentar, testar possibilidades. Assim, torna-se necessário defender a compreensão de que os bebês são sujeitos potentes e ativos, capazes de participar ativamente de seus processos de aprendizagem, aprendem e se desenvolvem por meio das interações, das brincadeiras e da exploração do ambiente, implica reconhecer e valorizar essa potência.

Portanto, as discussões apresentadas evidenciam que as práticas psicomotoras e as experiências corporais desempenham papel fundamental no desenvolvimento motor na primeira infância, pois não só ajuda a criança a adquirir habilidades motoras, como também contribui para aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Por isso, essas práticas contribuem para a construção da autonomia e para o desenvolvimento integral dos bebês, constituindo um importante elemento de análise para esta pesquisa.

3 METODOLOGIA

O objetivo deste estudo foi analisar como as práticas psicomotoras realizadas em um espaço não escolar contribuem para o desenvolvimento integral de bebês na primeiríssima infância. Diante disso, a pesquisa tem abordagem qualitativa e foi desenvolvida através de pesquisa bibliográfica, revisões em artigos científicos, documentos normativos e pesquisa de campo. Para isso, é necessário compreender o desenvolvimento infantil a partir das experiências vividas pelos bebês em seu contexto real, considerando as interações, os processos e os significados presentes nas práticas observadas, e articulando a teoria com a prática.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos relacionados a significados, valores, crenças e atitudes dos indivíduos. Assim, ela permite analisar aspectos da realidade que não podem ser explicados apenas por dados numéricos. Dessa forma, essa abordagem possibilita observar as experiências, as interações e as mediações presentes no contexto, exigindo atenção à observação, à escuta, à interpretação das falas e à compreensão das vivências dos sujeitos.

A produção dos dados também ocorreu por meio da observação participante, compreendida como um processo em que o pesquisador estabelece uma relação próxima e prolongada com um grupo em seu contexto natural, buscando compreender cientificamente sua realidade (MAY, 2001). Essa técnica mostrou-se adequada aos objetivos da pesquisa, pois permitiu acompanhar as atividades desenvolvidas na instituição e observar de perto as interações entre os bebês, os familiares e os profissionais. Além disso, possibilitou compreender como as práticas voltadas ao desenvolvimento infantil aconteciam no cotidiano da instituição, favorecendo uma aproximação mais sensível com a realidade observada.

Ademais, a pesquisa é considerada de campo, pois os dados foram produzidos diretamente no local. Segundo Lakatos e Marconi (2017), esse tipo de pesquisa visa reunir informações sobre um problema, entender as características e testar hipóteses. Ela envolve observar os fatos no seu ambiente natural, produzir dados e registrar informações importantes. Com isso, uma pesquisa realizada no próprio local, permitiu uma visão mais detalhada da realidade. Além disso, ajudou a ligar a teoria à prática, gerando conhecimentos relacionados à questão-problema deste estudo.

Durante a pesquisa foi utilizado o diário de campo para registrar as observações realizadas ao longo do processo. Esse recurso ajudou no acompanhamento e na organização dos dados produzidos, com anotações descritivas sobre as experiências observadas ao longo do período.

3.1 Contexto da pesquisa e caracterização da instituição

O interesse por esta pesquisa surgiu da intenção de compreender qual lugar o pedagogo ocupa em espaços não escolares voltados para o desenvolvimento dos bebês e crianças. Essa inquietação vem do fato de que, em muitas clínicas e instituições voltadas ao desenvolvimento infantil, os profissionais formados em Pedagogia, muitas vezes, atuam como psicopedagogos ou neuropsicopedagogos, enquanto o pedagogo em si, é mais comumente encontrado em contextos escolares.

A partir disso, foi realizado um mapeamento de clínicas e instituições que trabalham com o desenvolvimento infantil na cidade de Juiz de Fora/MG. Durante essa busca, entrei em contato com 13 clínicas e instituições por telefone e WhatsApp para tentar marcar reuniões.

Em todos os contatos, foi explicado que se tratava de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual queria compreender como as crianças, especialmente os bebês, se desenvolvem por meio da observação de práticas de cuidado, estímulo e interação. Também foi deixado claro que minha pesquisa era acadêmica e observacional, e que não iria interferir nas atividades da instituição.

No entanto, a maioria das instituições não me permitiu realizar a pesquisa, ou simplesmente não me respondeu. Em alguns casos, as instituições mostraram resistência à ideia de realizar pesquisas ou receber estagiários, o que me impediu de coletar dados em locais que eu havia planejado inicialmente, que era acompanhar o profissional que tinha a formação em Pedagogia.

Diante dessas dificuldades, a pesquisa foi realizada na DesenvolVi, Centro de Desenvolvimento Infantil, localizado em Juiz de Fora/MG. A instituição foi criada em 31 de outubro de 2022, é de natureza privada e realiza atendimentos exclusivamente particulares. Atende crianças de três meses a quatro anos, oferecendo atividades que estimulam a dimensão sensorial, a coordenação motora, a formação de laços afetivos e a socialização, conforme informado pela própria instituição.

A DesenvolVi conta com um espaço planejado para os atendimentos, composto por tatames, espumados psicomotores, espelho, cercado de madeira, diferentes materiais e recursos que favorecem experiências motoras, sensoriais e lúdicas. O ambiente é organizado de modo a proporcionar segurança, conforto e oportunidades de exploração aos bebês durante as atividades.

Na primeira reunião, fui recebida pela equipe responsável, que apresentou sua proposta de trabalho e os princípios que orientam as atividades com os bebês e suas famílias. Embora a instituição não tenha um pedagogo no momento, ficou claro que eles estão abertos a ter um profissional dessa área futuramente. Isso demonstra que eles reconhecem a importância de um pedagogo na organização das atividades, na mediação com as famílias e na intencionalidade educativa por trás do que fazem nos atendimentos.

Durante a reunião foi informado que a DesenvolVi é composta principalmente por profissionais da área de fisioterapia e visa acompanhar o desenvolvimento neuropsicomotor infantil. O atendimento que elas realizam atende tanto bebês que se desenvolvem de forma típica quanto aqueles que apresentam pequenos atrasos motores, geralmente sem diagnósticos clínicos específicos.

A proposta da instituição considera o bebê na totalidade, compreendendo que seu desenvolvimento envolve aspectos motores, sensoriais, cognitivos, emocionais e sociais de forma integrada. As práticas valorizam o cuidado, o afeto, o fortalecimento do vínculo entre o bebê e os responsáveis, e o respeito ao ritmo e às necessidades individuais de cada criança.

As atividades incluem estímulos sensoriais para ampliar a percepção e a exploração do ambiente, práticas de psicomotricidade que integram o desenvolvimento motor e cognitivo, ações para fortalecer o vínculo afetivo entre bebês e responsáveis, e momentos de socialização que ajudam as crianças a interagir umas com as outras. Além disso, são feitas avaliações neuropsicomotoras periódicas para acompanhar o desenvolvimento das crianças e orientar os responsáveis sobre como continuar os estímulos em casa.

3.2. Produções de dados

O trabalho de campo foi realizado na DesenvolVi, Centro de Desenvolvimento Infantil, localizada em Juiz de Fora/MG, no período de 06 de novembro de 2025 a 19 de dezembro de 2025.

Durante esse tempo, acompanhei quatro turmas diferentes, totalizando cerca de 23 atendimentos e uma carga horária de 17 horas e 15 minutos de observação. Tive a chance de conhecer 16 bebês, tanto aqueles que frequentavam as turmas regularmente quanto os que participaram de aulas experimentais ou mudaram seus horários.

Os bebês que observei tinham idades entre aproximadamente 9 meses e 1 ano e 8 meses. Além deles, também presenciei os responsáveis que acompanhavam as atividades e a profissional que realizava o atendimento na instituição.

Durante o período da observação participante, acompanhei as atividades e observei as interações entre os bebês, os responsáveis e os profissionais, além de vivenciar ativamente durante o acompanhamento. Isso me ajudou a entender melhor o dia a dia da instituição e como os bebês se desenvolviam em diferentes situações.

Os registros foram realizados em diário de campo descritivo, totalizando 23 notas de campo, correspondentes aos 23 atendimentos observados. Nessas notas, foram registrados aspectos relacionados ao desenvolvimento motor global, à coordenação motora fina, às experiências sensoriais, aos vínculos afetivos e às interações observadas durante as atividades. Também foram observadas e registradas a organização das propostas, quais materiais eram usados, estratégias que a profissional adotava e como as atividades eram ajustadas para atender às necessidades de cada bebê.

Logo após, organizei e analisei os dados coletados, usando uma abordagem qualitativa e interpretativa. Meu objetivo era compreender como as experiências vividas na instituição ajudaram no desenvolvimento dos bebês, levando em conta aspectos motores, sensoriais, afetivos e sociais.

Com base nessa análise, identifiquei alguns elementos importantes para o desenvolvimento infantil, como a organização do espaço e dos atendimentos, a mediação do adulto, a participação da família, as experiências corporais e as interações. Esses pontos serão discutidos com mais detalhes no próximo capítulo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados foi elaborada com base nas observações realizadas durante o trabalho de campo na instituição DesenvolVi, Centro de Desenvolvimento Infantil. Os registros em diário de campo ajudaram a identificar aspectos relacionados às práticas psicomotoras, ao desenvolvimento motor dos bebês, às experiências sensoriais, à mediação dos adultos, à participação da família, além da organização e mediação dos atendimentos.

A discussão foi construída a partir dos referenciais teóricos estudados, buscando entender como as experiências observadas ajudam no desenvolvimento infantil na primeira infância. Nesse sentido, a análise se baseia na ideia de que os bebês são sujeitos ativos que constroem conhecimentos, interagem entre pares, produzem significados e participam da cultura desde os primeiros anos de vida, deixando suas marcas nas experiências que vivenciam (CASTELLI; MOTA, 2013).

4.1 Organização do espaço e dos atendimentos

Antes de entender melhor como as práticas psicomotoras ajudam no desenvolvimento dos bebês, é importante conhecer como os atendimentos eram organizados e como era o ambiente planejado.

Na DesenvolVi, os atendimentos aconteciam predominantemente em aulas coletivas, em grupos pequenos, e tinham duração de 40 a 45 minutos. Assim, os bebês conseguiram participar de atividades planejadas, interagir com as outras crianças, observar as experiências dos colegas e viver momentos de aprendizagem conjunta. Essa organização favorecia não apenas o desenvolvimento motor, mas também as interações e as experiências de socialização. Nesse sentido, a proposta observada dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca que "a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças" (BRASIL, 2017, p. 37). As turmas são organizadas de acordo com a proximidade da faixa etária ou do nível de desenvolvimento neuropsicomotor, permitindo um acompanhamento individualizado mesmo em contexto grupal.

O ambiente era amplo, bem organizado e pensado para apoiar o desenvolvimento, a exploração e a interação dos bebês. O chão era coberto com tatames macios, o que trazia mais segurança, conforto e liberdade para eles se movimentarem. Na lateral direita, havia espumados

psicomotores acolchoados, de diferentes formatos e tamanhos, usados para montar circuitos e propor atividades que estimulavam o desenvolvimento motor. Também existia o cercadinho de madeira, que ajudava os bebês a se deslocarem, a apoiarem o corpo e a praticarem a marcha lateral.

Outro elemento presente era um grande espelho fixado na parede central, usado em diferentes momentos das aulas para estimular a visão, ajudando os bebês a se reconhecerem e a interagirem uns com os outros. A decoração do ambiente também contribuía para a construção de um espaço acolhedor e lúdico, composta por ilustrações infantis e elementos visuais que despertavam o interesse dos bebês.

As características observadas se aproximam das reflexões de Barbosa (2010), que destaca a importância da organização dos espaços, dos materiais e das experiências oferecidas aos bebês. Segundo a autora, "Os ambientes precisam ser coerentes com as necessidades das crianças, proporcionando situações de desafio, mas também oferecendo segurança" (BARBOSA, 2010, p. 8). Na instituição, foi possível perceber que os bebês tinham várias oportunidades de explorar, se mover e interagir, com desafios adequados ao seu desenvolvimento e em condições seguras.

Kuhn e Martins (2024) também destacam que a organização intencional dos espaços e dos materiais ajuda a despertar a curiosidade, aumentar a participação e favorecer a construção de conhecimentos pelos bebês. Esse cuidado foi observado na instituição, que oferece diversas oportunidades de movimentação, exploração sensorial e interação durante as aulas.

Além da organização física, chamou atenção o cuidado constante com a higiene e a conservação dos materiais utilizados nos atendimentos. Ao final de cada aula, brinquedos, mordedores, espumados e outros recursos eram higienizados pelos profissionais da instituição. Como os bebês exploram o ambiente principalmente pelo toque e pela oralidade, essa atenção era essencial para garantir segurança e bem-estar. A limpeza e a organização frequentes demonstraram o compromisso da equipe com a qualidade dos atendimentos oferecidos às crianças e às famílias.

No decorrer das observações, ficou nítido que a dinâmica das aulas não era aleatória, havia uma rotina bem planejada, seguindo uma sequência temporal. Em geral, os encontros começavam com momentos de acolhimento e musicalização, seguidos por circuitos motores e por atividades ligadas ao tema trabalhado naquela semana. As propostas envolviam experiências sensoriais, cognitivas e motoras, e eram ajustadas com frequência para atender melhor à faixa etária, aos interesses e às necessidades de cada bebê.

A sequência das atividades tinha uma intencionalidade clara, em que alternava momentos de maior movimento corporal com propostas que favoreciam atenção, observação e concentração. Isso se alinha às ideias de Barbosa (2010) sobre a importância da rotina na pedagogia dos bebês. Conforme afirma a autora, "Essa repetição oferece para os bebês certo domínio sobre o mundo em que vive e oferece a eles segurança" (BARBOSA, 2010, p. 9). Durante as observações, foi possível perceber que as músicas de acolhimento, os circuitos e outras atividades recorrentes ajudavam os bebês a reconhecerem a dinâmica das aulas, participarem com mais confiança e criarem vínculos com os profissionais e com os colegas.

As atividades também eram planejadas a cada dois meses, em reuniões com toda a equipe da instituição. A partir de temas como fazenda, frutas, personagens, cores e datas comemorativas, eram definidas propostas que orientariam os atendimentos e a seleção dos materiais ao longo do período. Nesse contexto, a musicalização esteve presente em todas as aulas observadas, sendo usada como estratégia de acolhimento e finalização da aula, organização da rotina e participação dos bebês nas experiências propostas. Contudo, isso evidenciou a preocupação da instituição em oferecer experiências contínuas para os bebês, evitando ações isoladas e favorecendo a construção gradual de novas aprendizagens.

Dessa forma, os dados produzidos durante o trabalho de campo mostram que a organização dos espaços, dos materiais, dos tempos e das experiências é essencial para o trabalho com os bebês. Conforme defende Barbosa (2010), ambientes planejados de forma intencional estimulam e favorecem a exploração, as interações, a autonomia e as aprendizagens das crianças. As observações realizadas reforçam a ideia de que ambientes planejados com intenção aumentam as oportunidades de desenvolvimento e participação desde os primeiros anos de vida.

4.2 Desenvolvimento motor dos bebês

Antes de começar a falar sobre o que observei durante meu trabalho de campo, quero destacar alguns pontos importantes sobre o desenvolvimento motor infantil. Essa fase é essencial para o crescimento das habilidades corporais dos bebês ao longo da infância. Por isso, é fundamental entender esse processo para respeitar cada etapa do desenvolvimento e evitar antecipações.

O desenvolvimento motor acontece de forma gradual e progressiva. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 147), "assim como acontece antes do nascimento, o crescimento e o desenvolvimento físico seguem o princípio cefalocaudal e o princípio próximo-distal". O

princípio cefalocaudal diz respeito ao desenvolvimento que ocorre da cabeça para as partes inferiores do corpo. Isso significa que as primeiras habilidades motoras estão ligadas ao controle da cabeça e do pescoço, depois ao controle do tronco, do quadril e, em seguida, dos membros inferiores. Com o tempo, os bebês passam a desenvolver habilidades mais complexas, como sentar, arrastar, engatinhar e caminhar.

Já o princípio próximo-distal está relacionado ao desenvolvimento que acontece do centro do corpo em direção às extremidades. No começo, os bebês passam a ganhar mais controle dos ombros, dos braços e do tronco. Depois, começam a desenvolver movimentos mais precisos das mãos e dos dedos. Com isso, eles conseguem realizar movimentos finos, como abrir e fechar as mãos, manipular objetos e, mais tarde, fazer o movimento de pinça (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Entender esses princípios é essencial para perceber que cada conquista motora depende de etapas anteriores. Isso quer dizer que estimular o desenvolvimento infantil não é antecipar fases, e sim criar condições para que cada bebê avance no seu próprio ritmo, de acordo com suas possibilidades.

Na instituição presenciada, os profissionais demonstraram atenção às diferentes fases do desenvolvimento motor. Eles planejaram atividades compatíveis com as necessidades de cada criança, oferecendo experiências graduais de movimento, respeitando os limites e o potencial de cada bebê.

As observações demonstravam que o desenvolvimento motor variava conforme a faixa etária, as experiências prévias e o nível de estimulação recebido no ambiente familiar. Enquanto alguns bebês ainda precisavam de apoio para sustentar o tronco, arrastar-se ou engatinhar, outros demonstravam mais autonomia para explorar o espaço e encarar desafios motores mais complexos.

Para os bebês com menor ativação muscular, as atividades eram adaptadas com estratégias simples, como posicionar os brinquedos acima da linha do olhar durante o tummy time e oferecer apoio corporal para favorecer ajustes posturais.

Kuhn e Martins (2024) defendem que uma organização de experiências que incentive a exploração corporal, a participação ativa e a descoberta são fundamentais para ampliar as aprendizagens dos bebês. As adaptações observadas também aumentaram a preocupação em acompanhar de perto o estágio de desenvolvimento de cada criança, fortalecendo avanços progressivos no domínio motor global.

As observações feitas durante o trabalho de campo mostraram como é importante ter ambientes que ofereçam muitas oportunidades para explorar, se movimentar e interagir.

Conforme Costa e Aoyama (2023, p. 45), "a psicomotricidade, enquanto intervenção pedagógica, contribui significativamente no desenvolvimento integral da criança". Essa visão conversa com as contribuições de Kuhn e Martins (2024, p. 4), que afirmam que "os estímulos que o bebê recebe do meio social, da creche, da educação infantil, potencializam o seu desenvolvimento global". Assim, entende-se que as experiências psicomotoras vivenciadas em espaços ricos em estímulos ajudam a desenvolver não só o desenvolvimento motor, mas também os aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos bebês.

Sob esse viés, o corpo ocupa um papel central no processo de desenvolvimento infantil, pois é por meio dele que os bebês exploram o ambiente, estabelecem relações e constroem aprendizagens. Conforme destacam Ribeiro e França Silva (2021, p. 13), "o corpo é compreendido como um importante instrumento pelo qual a criança experimenta, vivencia, sente, aprende e se transforma". Por meio do corpo se desenvolve, constrói conexões consigo, com o outro e com o meio, contribuindo para a formação cognitiva, motora e intelectual da criança".

Para os bebês que estavam em estágios iniciais, as atividades ajudaram a fortalecer os membros superiores e inferiores, melhorar o controle do tronco e preparar o caminho para futuras conquistas motoras. As estratégias observadas incluíram circuitos psicomotores com blocos de espuma, superfícies acolchoadas, bolas terapêuticas e rolos de posicionamento, especialmente nas atividades realizadas na postura ventral, o que favoreceu o fortalecimento da musculatura cervical.

Mais do que a simples utilização dos materiais, chamou a atenção a forma como esses recursos foram organizados para oferecer desafios compatíveis com o nível de desenvolvimento de cada bebê. Isso mostra uma compreensão de que o desenvolvimento motor é favorecido quando a criança tem oportunidades adequadas para explorar o próprio corpo, experimentar diferentes movimentos e construir novas possibilidades de interação com o ambiente. Nesse contexto, a primeira infância representa como um período marcado por intensas aprendizagens e descobertas, no qual as crianças desenvolvem habilidades motoras essenciais que servirão de base para seu crescimento e para a realização de diversas atividades ao longo da vida (COSTA; AOYAMA, 2023).

Já para os bebês com a marcha estabelecida, as propostas incluíam circuitos psicomotores mais desafiadores, organizados com rampas, curvas, subidas, descidas e diferentes obstáculos. Essas atividades contribuíram para o desenvolvimento da coordenação motora global, do equilíbrio, da força muscular e da percepção espacial. Durante os percursos, as crianças demonstravam autonomia para explorar os desafios propostos, mas também

buscavam o apoio dos adultos quando necessário. Assim, fica evidente que a construção da autonomia acontece de forma gradual e acompanhada.

As observações feitas dialogam com a perspectiva apresentada por Castelli e Mota (2013), que compreendem os bebês como sujeitos ativos no próprio desenvolvimento. Segundo as autoras, os bebês "desde o princípio já são sujeitos sociais ativos e produtores de culturas" (CASTELLI; MOTA, 2013, p. 2). Essa visão ficou clara em diferentes experiências motoras observadas, nas quais as crianças exploraram o ambiente, interagiram com os materiais, testaram possibilidades de movimento e encontraram formas próprias de participar das propostas de atividades.

Assim, os dados produzidos durante o trabalho de campo mostraram que o desenvolvimento motor dos bebês é favorecido quando as práticas respeitam as características individuais de cada criança e oferecem experiências para experimentar, explorar e interagir. As atividades observadas também evidenciaram a importância da mediação intencional dos profissionais e da organização de ambientes estimuladores, contribuindo para ampliar as capacidades motoras e promover o desenvolvimento integral dos bebês.

4.3 Coordenação motora fina e experiências sensoriais

As atividades para desenvolver a coordenação motora fina mostraram que os bebês têm níveis diferentes de maturidade. Eles melhoraram aos poucos no controle dos movimentos das mãos, na precisão dos gestos e na intencionalidade das ações. Atividades como encaixar palitos em bandejas, colocar argolas em suportes e explorar materiais que possuíam a abertura e o fechamento ajudavam a desenvolver o movimento de pinça e a cooperação entre os olhos e as mãos.

Durante as observações, foi possível notar que alguns bebês completaram tarefas com mais precisão e autonomia, enquanto outros precisaram de ajuda para organizar os movimentos e terminar as atividades. A repetição das propostas e o apoio dos adultos aumentaram a atenção, a persistência e o controle dos movimentos. Ademais, promoveram habilidades cognitivas importantes, como entender as relações de causa e efeito.

Além das experiências com a coordenação motora fina, as atividades sensoriais com pluralidades foram muito importantes. Propondo os sentidos, como a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato, de diversas formas, em atividades com espuma de barbear, melancia, tinta, grama sintética, sentir o cheiro de temperos e outros materiais de modalidades sensoriais, permitiram que os bebês explorassem e descobrissem coisas novas.

Durante as atividades, foi possível perceber reações variadas diante dos estímulos oferecidos. Enquanto alguns bebês exploravam os materiais de forma espontânea, outros demonstravam maior cautela e observavam antes de tocar.

Por isso, é essencial oferecer experiências variadas e estímulos desde os primeiros meses de vida, favorecendo a exploração, a descoberta e a aprendizagem dos bebês. Nessa fase, importantes conexões cerebrais estão sendo formadas, tornando as experiências vivenciadas fundamentais para o desenvolvimento infantil. (KUHN; MARTINS, 2024)

Quando os bebês entram em contato com diferentes materiais, texturas, cheiros, sabores e sensações, ampliam-se as possibilidades de interação com o ambiente e contribui-se para a construção de novas aprendizagens. Nessa perspectiva, Vieira, Farias e Miranda (2020, p. 150, apud KUHN; MARTINS, 2024, p. 11) afirmam que "quanto mais experiências, mais possibilidades de criação, reinvenção e desenvolvimento dos bebês e das crianças".

As observações também mostraram que os bebês aprendem ao explorar ativamente o ambiente, usando o corpo para descobrir, se comunicar e aprender. Isso concorda com o que Castelli e Mota (2013) disseram, que os bebês produzem cultura, formam relações e constroem conhecimento desde os primeiros meses de vida. Barbosa (2010, p. 3) também afirma que "quando as crianças são tomadas como seres capazes, elas se tornam protagonistas no projeto educacional".

No decorrer das observações, os bebês exploraram materiais, realizaram descobertas, escolheram como interagir e construíram aprendizagens a partir de suas próprias iniciativas. Outro aspecto importante foi a interação entre os bebês, pois, como as aulas costumavam ocorrer em pequenos grupos, isso favoreceu a observação dos colegas, a imitação de ações e as tentativas iniciais de comunicação, criando oportunidades significativas de aprendizagem e socialização. Além da mediação dos adultos, muitas aprendizagens foram construídas nas interações entre os próprios bebês. Sendo assim, as atividades psicomotoras favorecem o desenvolvimento da expressão emocional, da autonomia e da socialização, pois estimulam a interação entre as crianças e promovem uma maior consciência corporal (SANTOS et al., 2024).

Barbosa (2010) também destaca que a organização da rotina deve incluir momentos de individualização e socialização, atendendo às necessidades biológicas, emocionais, cognitivas e sociais das crianças. Durante as observações, foi possível perceber que as propostas coletivas favoreceram essas experiências, permitindo que os bebês interagissem entre si, observassem as ações dos colegas e ampliassem suas formas de comunicação e participação no grupo.

Diante disso, as observações mostram que o desenvolvimento da progressão motora fina não acontece de forma isolada. Ele está ligado às experiências sensoriais, às interações sociais

e às oportunidades de exploração oferecidas pelo ambiente. Ao manipular diferentes objetos, explorar texturas e interagir com o ambiente e com os colegas, os bebês melhoram suas habilidades motoras, cognitivas, sensoriais e sociais. Isso destaca a importância de práticas que valorizam a experimentação, a descoberta e a participação ativa das crianças em seu processo de desenvolvimento.

4.4 Aspectos socioemocionais e vínculo afetivo

Durante as observações, ficou claro que a presença dos adultos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos bebês. A ligação entre a criança e seus responsáveis é essencial para que os bebês se sintam seguros e confiantes para explorar o ambiente. Em muitas situações, como quando eles conhecem materiais novos ou enfrentam desafios motores, era comum que olhassem para os pais em busca de segurança e incentivo antes de começar uma atividade.

Isso mostra que o vínculo afetivo é a base para que os bebês se sintam seguros o suficiente para experimentar, interagir e participar das atividades propostas. Além disso, aqueles que eram no início mais observadores passaram a participar com mais iniciativa conforme se sentiam emocionalmente seguros. Assim, fica evidente que a participação das crianças não depende apenas da oferta de estímulos, mas também da construção de relações afetivas que fortalecem a confiança para a exploração do ambiente.

Os momentos de acolhimento, musicalização e encerramento das aulas também ajudaram a fortalecer vínculos, a atenção compartilhada e a compreensão da rotina. A previsibilidade das experiências, somada à presença constante dos adultos, contribuiu para que os bebês se sentissem mais seguros para participar das atividades propostas. Nesse sentido, essa observação reforça exatamente o que Barbosa (2010) defende, em que o desenvolvimento depende não apenas das atividades propostas, mas também da qualidade das relações afetivas construídas com os adultos, onde o vínculo afetivo constitui elemento fundamental para a participação dos bebês nas experiências propostas. Quando afirma que

> Educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas implica em colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças e isto exige dos adultos comprometimento e responsabilidade (BARBOSA, 2010, p. 5).

As observações também mostraram a importância de uma atenção sensível por parte dos adultos para o desenvolvimento infantil. Castelli e Mota (2013) destacam que, embora os bebês dependam dos adultos para sobreviver, é fundamental que eles considerem as formas de expressão e comunicação, entendendo que as relações afetivas têm um papel essencial no bem-estar e no desenvolvimento. Durante as atividades, foi possível perceber que a segurança emocional oferecida aos adultos favorece a participação, a exploração do ambiente e o envolvimento dos bebês nas propostas realizadas.

Outro aspecto importante foi a participação ativa das famílias durante os atendimentos. Eles acompanhavam as propostas, observavam as orientações dos profissionais e, em muitos momentos, participavam das experiências junto aos bebês. Essa proximidade fortalece o vínculo afetivo e cria momentos de interação de qualidade entre adultos e crianças, pois quando existe essa conexão com o adulto, o bebê tem uma área cerebral muito mais ativa durante o brincar, então ele está aprendendo e absorvendo muito mais.

Além disso, os profissionais orientavam as famílias, esclarecendo dúvidas, propondo estratégias e compartilhando informações sobre o desenvolvimento infantil. Assim, as famílias ampliam sua compreensão sobre as necessidades e as potencialidades dos bebês, ficando mais preparadas para dar continuidade aos estímulos e às experiências no ambiente familiar. Isso mostra que o desenvolvimento infantil não acontece apenas no espaço institucional, mas é construído a partir de várias experiências vividas pela criança em seus diferentes contextos de interação.

A participação da família foi um elemento importante para fortalecer e ampliar as experiências vivenciadas durante os atendimentos, além de contribuir para o desenvolvimento infantil para além do espaço institucional. Como destaca Barbosa (2010, p. 4), "As famílias não podem ser vistas apenas como usuárias de um serviço, mas como colaboradoras, isto é, co-autoras do processo educacional, pois é preciso sintonia quando se trata de educar uma criança pequena ou um bebê".

As observações também permitiram refletir sobre a relevância do olhar pedagógico em ambientes não escolares. Mesmo que a instituição observada não contasse com um pedagogo em sua equipe, muitas das práticas desenvolvidas conversavam diretamente com os princípios da Educação Infantil, como a valorização das interações, das brincadeiras, da exploração do ambiente e da participação ativa dos bebês.

As práticas observadas evidenciaram uma articulação significativa entre cuidado e educação, aspecto essencial no trabalho com a primeira infância. Conforme Barbosa (2010, p. 6), “A tarefa dessa pedagogia da pequeníssima infância é articular dois campos teóricos: o do

cuidado e o da educação", reforçando que ambas as dimensões são indissociáveis no atendimento aos bebês.

As aulas coletivas, organizadas com propostas adequadas às necessidades das crianças, mostraram uma compreensão do bebê como um sujeito ativo no próprio desenvolvimento. Ficou claro que a atuação pedagógica pode contribuir bastante para organizar as experiências, fazer uma observação sensível do desenvolvimento infantil e fortalecer a integração entre cuidado, educação e aprendizagem.

A experiência de campo também ajudou a ampliar essa visão sobre os espaços não escolares como ambientes educativos. Nesse contexto, ficou evidente que trabalhar com bebês exige mais do que conhecimentos sobre o desenvolvimento motor, é preciso sensibilidade para entender como eles se comunicam, quais são suas necessidades e quais são suas potencialidades.

De modo geral, as observações mostraram que o desenvolvimento infantil acontece de forma integrada, envolvendo aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Os dados também evidenciaram a importância das práticas psicomotoras, da mediação feita pelos adultos, do papel da família e das oportunidades de interação oferecidas aos bebês. Assim, foi compreendido que o desenvolvimento se construiu a partir da articulação entre cuidado, educação, afeto e as experiências vividas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender como as atividades psicomotoras realizadas em um ambiente não escolar contribuem para o desenvolvimento motor de bebês na primeira infância. A partir das observações feitas na instituição DesenvolVi e das discussões teóricas estudadas, ficou claro que o desenvolvimento infantil acontece de forma integrada, envolvendo aspectos motores, sensoriais, cognitivos, afetivos e sociais.

As experiências vivenciadas evidenciaram que as atividades psicomotoras são fundamentais para o desenvolvimento dos bebês, pois oferecem oportunidades de movimento, exploração, interação e descoberta. Além disso, as atividades propostas foram organizadas de maneira intencional, respeitando as características e as necessidades de cada criança, o que contribuiu para ampliar suas capacidades motoras e favorecer seu desenvolvimento de forma completa.

As conquistas motoras observadas estavam diretamente ligadas às experiências vividas pelos bebês, às interações ocasionais com os adultos, às oportunidades de explorar o ambiente e à qualidade dos estímulos oferecidos. Nesse contexto, o corpo se mostrou uma das principais formas da criança se relacionar com o mundo, atuando como um importante meio de comunicação, aprendizado e construção de conhecimentos nos primeiros anos de vida.

Além disso, as observações ressaltaram a importância da mediação dos adultos e da participação da família nesse processo. Isso ajudou a dar continuidade às experiências para além do espaço institucional, mostrando que o desenvolvimento infantil é resultado de uma construção compartilhada entre o bebê, a família e os profissionais. Nessa perspectiva, o bebê é visto como um sujeito ativo e significativo em seu desenvolvimento, capaz de interagir, explorar, se comunicar e compreender as experiências vividas.

Outro aspecto importante observado durante a pesquisa foi a presença de práticas que dialogam diretamente com princípios pedagógicos, mesmo em um ambiente que não é escolar. Embora a instituição tenha como foco principal o acompanhamento do desenvolvimento neuropsicomotor, muitas das propostas valorizavam o brincar, as interações, a observação cuidadosa e a participação ativa dos bebês. Essa confirmação ampliou a compreensão sobre as possibilidades de atuação do pedagogo em diferentes contextos voltados à infância, contribuindo para a observação do desenvolvimento infantil, para a organização de experiências significativas e para o trabalho junto às famílias.

A experiência de campo também trouxe reflexões sobre as desigualdades no acesso a serviços especializados de acompanhamento e estímulo infantil. Embora algumas famílias consigam acessar espaços que oferecem experiências diversificadas para seus filhos, muitas crianças dependem exclusivamente das instituições públicas de Educação Infantil para vivenciar oportunidades semelhantes. Essa realidade reforça a necessidade de investimentos em políticas públicas, formação continuada para os profissionais e propostas educativas que garantam experiências significativas para todos os bebês, independentemente da condição social.

Nesse contexto, as observações feitas mostram como é importante proporcionar experiências que envolvam movimento, exploração sensorial, brincadeiras e interações desde os primeiros meses de vida. Essas vivências contribuem para o desenvolvimento integral da criança e para a construção de aprendizados realmente significativos.

Por fim, esta pesquisa reforçou a importância de valorizar a primeira infância como uma fase única do desenvolvimento humano. Mais do que antecipar conteúdos ou acelerar aquisições, o trabalho com bebês exige oferecer experiências que respeitem seus tempos, suas necessidades e suas potencialidades. Além de ampliar a compreensão sobre o desenvolvimento infantil em um ambiente não escolar, o estudo também fortaleceu meu entendimento sobre a infância, os bebês e a atuação pedagógica. Assim, ficou ainda mais claro que educar e cuidar são ações inseparáveis na progressão do desenvolvimento completo de cada bebê.

Dessa forma, esta pesquisa contribui para dar mais visibilidade aos bebês nas discussões educacionais, reconhecendo-os como sujeitos ativos em seu desenvolvimento. Também reforça a importância de práticas intencionais que integrem cuidado, educação, brincadeira e interação desde os primeiros anos de vida. Embora tenha sido realizada em um contexto específico, suas reflexões podem ampliar o debate sobre a primeira infância, as atividades psicomotoras e a atuação do pedagogo em espaços educativos fora da escola. Além disso, apontam caminhos para futuras pesquisas voltadas ao desenvolvimento dos bebês e às diferentes formas de intervenção junto à infância.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, nov. 2010.

BRASIL. Lei n. 13.257 de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância [...]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm>. Acesso em: 20 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 13 jun. 2025.

BOHNENBERGER, Gustavo et al. Desenvolvimento infantil e plasticidade cerebral: a importância dos primeiros anos de vida para a saúde neurológica e funcional. Cognitus Interdisciplinary Journal, v. 2, n. 3, p. 15-35, 2025.

CASTELLI, Carolina Machado; MOTA, Maria Renata Alonso. A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas. Zero-a-Seis, v. 15, n. 28, jul./dez. 2013.

Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. Estudo nº 1: O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem. 2014. Disponível em: <https://ncpi.org.br/publicacao/o-impacto-do-desenvolvimento-na-primeira-infancia-sobre-a-aprendizagem/>. Acesso em: 20 fev. 2026

COSTA, Stella Maria Antunes; DE ANDRADE AOYAMA, Elisângela. A psicomotricidade na Educação Infantil: contribuições para o desenvolvimento motor na primeira infância. Revista de Ciências Sociais Aplicadas, v. 4, n. 1, p. 25-52, 2023.

DESENVLVI. Centro de Desenvolvimento Infantil. Disponível em: <https://www.desenvolvi.site/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

DOS SANTOS, Fernando Basílio; TANNÚS, Alice Monteiro; ISTOE, Rosalee Santos Crespo. Contribuições da psicomotricidade no desenvolvimento motor de crianças na educação infantil: uma revisão. 2023

FIN, Gracielle; BARRETO, Dagmar Bittencourt Mena. Avaliação motora de crianças com indicadores de dificuldades no aprendizado escolar, no município de Fraiburgo, Santa Catarina. Unoesc & Ciência - ACBS, v. 1, n. 1, p. 5-12, jul. 2010.

FOCHI, Paulo. Afinal, o que os bebês fazem no berçário? comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida cotidiana. Porto Alegre: Artmed, 2015.

KUHN, Martin; MARTINS, Ivane Beatriz. Estimulação dos bebês: desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural. SciElo Preprints. 2024. Disponível em:< https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/10428/19091>. Acesso em: 1 jun. 2026.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MAY, T. Pesquisa social. Questões, métodos e processos. 2001. Porto Alegre, Artemed.

MINAYO, Maria de Sousa (Org.). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis. Vozes, 2001, 80 p.

MOI, Raysa Soares; MATTOS, Márcia Simões. Um breve histórico, conceitos e fundamentos da psicomotricidade e sua relação com a educação. Anais [...] 2º Encontro Internacional História & Parcerias, v. 21, 2019.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento Humano. 12ª edição. Porto Alegre: Editora Artmed, 2013.

PIKLER, Emmi. Associação Pikler-Lóczy do país Basco. Disponível em: <https://piklerloczy.org/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

RIBEIRO, Ester de Fátima; FRANÇA SILVA, Gustavo Thayllon. A importância do corpo e o movimento na educação infantil: reflexões sobre o impacto que se dá na aprendizagem, ao ser trabalhado o corpo e o movimento. 2021.

SILVA, Marinara Cavalcante da. A abordagem pikler na educação infantil: implementação e perspectivas para o desenvolvimento integral da criança. Trabalho de Conclusão de Curso, Santa Maria, 2023.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; MIRANDA, Simão de. (Org.). Educação infantil na perspectiva histórico-cultural: concepções e práticas para o desenvolvimento integral da criança. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 219 p.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa, PT: Edições 70, 2005.